



Ano III — Ns. 6, 8 e 9  
(Set-Out 61)

Coordenador: Maj AMERINO RAPOSO FILHO

## SUMÁRIO

### GUERRA REVOLUCIONÁRIA

#### I — PARTISANS — A FORÇA ESQUECIDA

Cap Thomas W. Collier

Tradução da Revista "Infantry" — Agô-Set 61 pelo  
Ten-Cel Tércio Veras.

#### II — A LONGA MARCHA DE MAO TSE TUNG

Edgar Snow

Tradução e Comentário de:

Cel A. J. Von Trompowsky

Maj Amerino Raposo Filho.



## TEORIA DE GUERRA

*Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenômeno por excelência social, que é a Guerra.*

*A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.*

## DOCTRINA DE GUERRA

*Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos mostra-nos, desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo, então, somente aplicável àquele país e numa determinada época.*

*Sendo a Guerra um fenômeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo, assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.*

## REGULAMENTO

*Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.*

*Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.*

# GUERRA REVOLUCIONÁRIA

## I — PARTISANS — A FÔRÇA ESQUECIDA

Capitão THOMAS W. COLLIER

(Tradução da Revista "Infantry", Agô-Set 61 pelo Ten-Cel  
TÉRCIO VERAS.

O destacamento passou rapidamente o rio penetrando na floresta que era o último obstáculo defronte do objetivo; o contato estava iminente. A vanguarda dirigia-se cautelosamente pela estrada enquanto as flanco-guardas cobriam o grosso. O avanço se processava com rapidez, mas a segurança era perfeita de acôrdo com os manuais. O veterano conhecia plenamente a marcha de aproximação e o valor da prêsa. Havia apenas dois dias fôra dada ordem para que metade dos homens montassem guarda nos altos, enquanto o restante repousasse.

A coluna tinha sido hostilizada por caçadores da população local naquele dia, sem nada haver acontecido posteriormente. O próprio inimigo estava tão inferiorizado numericamente, que permanecia concentrado em sua posição um tanto precária. Como a população relutasse em incorporar-se a êle, restava-lhe pouco a fazer.

Parecia ser uma situação fácil? Duas horas depois do momento acima referido, o destacamento tinha sofrido uma carnificina. Sessenta por cento foram mortos ou feridos; o veterano estava deprimido e quase desfalecido; a disciplina quebrada. A tropa jogava fora suas armas e retirava-se para os campos de treinamento situados a 64 km à retaguarda. Ataque nuclear? Não, ataque de guerrilheiros! E o destacamento era o de BRADDOCK a 9 de julho de 1755.

*"Na verdade, aquêle BRADDOCK foi estúpido. O velho GEORGE WASHINGTON soube o que fazer, mas os soldados britânicos não lhe deram ouvido".*

Não, BRADDOCK não era estúpido, e sim um líder inteligente e treinado em um dos melhores exércitos do mundo. E os soldados britânicos tinham escutado GEORGE WASHINGTON e todos os outros colonos com uma história sangrenta de tirar o couro cabeludo. Haviam dado atenção, mas nada tinham feito acêrca disto.

*"Apreste-se, não me faça ouvir velha charanga". "Tenho um programa de treinamento a executar, e na próxima semana realizaremos um exercício tático. Estou ocupado, homem. Se tem algo a dizer, diga-o logo".*

Tire um minuto para pensar nisso:

Como BRADDOCK, o Sr. é um líder inteligente e treinado em um dos melhores exércitos do mundo. A 2ª Grande Guerra e os anos agitados de paz que se seguiram têm-lhe oferecido mais lutas de guerrilhas do que

todos os três séculos de guerras indianas. Apesar disso, que sabe hoje das ações de "partisans" e guerrilheiros? Qual o treinamento feito para isto? Mais do que BRADDOCK? Sua primeira lição contra guerrilhas recebeu-a exatamente nas margens do MONONGAHELA; foi também sua última. Já teve o Sr. a primeira lição?"

Um rápido estudo da situação, mostrar-lhe-á que o mundo de hoje possui alguns mestres em guerrilhas. Nossos inimigos comunistas assumiram o poder através das guerrilhas. MARX, LENINE e STALIN enalteceram o combate "partisan" como uma arma eficaz na luta contra o capitalismo. MAO TSE-TUNG, pessoalmente, chefiou forças de guerrilheiros em combate durante vários anos, tendo escrito uma obra excelente sobre o assunto.

A criação e desenvolvimento dos grupos de "partisans" russos na 2ª GRANDE GUERRA revelam a maneira entusiástica como os comunistas aproveitavam os ensinamentos de seus líderes. Mesmo antes da guerra, o serviço de informações alemão descobriu que os planos de guerra soviéticos incluíam o emprêgo amplo de "partisans" para queimarem a terra e ataquem as linhas de suprimento, enquanto o Exército Vermelho retardasse e se retirasse. A contramedida de WEHRMACHT consistiu na formação de nove divisões especiais de segurança para protegerem as áreas da retaguarda dos três grupos de exército que invadiram a RÚSSIA.

Três dias após o cruzamento da fronteira, o grupo de Exércitos do Centro informou sobre os ataques de guerrilheiros vermelhos a suas linhas de suprimentos. Uma semana mais tarde, STALIN exortava publicamente a população a formar grupo de "partisans" para atacarem os alemães. Dentro de dois meses, o Alto Comando germânico teve de reforçar suas forças de segurança com duas divisões de Infantaria e várias brigadas SS.

Em dois anos, somente o Grupo-de-Exércitos do Centro tinha mais de 100.000 homens empregados na proteção de suas áreas da retaguarda. Divisões enviadas para a retaguarda, a fim de repousarem e se reorganizarem, solicitavam formalmente a sua volta para a linha de frente, procurando livrar-se do pesadelo proporcionado pelos "partisans". Na noite de 19 para 20 de junho de 1944, os guerrilheiros vermelhos ocasionaram 10.500 cortes nas ferrovias do Grupo-de-Exércitos do Centro. Nenhum trem se movimentou durante 24 horas críticas; reforços apressados para enfrentar a espera da ofensiva soviética desembarcaram e esperaram. Quando terminaram os reparos, o Exército Vermelho lançou sua grande e violenta ofensiva de verão que o levou ao VISTULA.

São estes tão-somente alguns exemplos da segunda frente de combate russa à retaguarda das linhas alemães por mais de três anos. As campanhas de "partisans" não destruíram os alemães na RÚSSIA; foi o Exército Vermelho quem o fez. Mas os guerrilheiros perseguiram a WEHRMACHT, inquietaram-na, não lhe dando tempo nem lugar para repouso. Cansaram as tropas frescas e destruíram as tropas fatigadas. Constituíram um fator positivo da vitória russa.

Os guerrilheiros comunistas têm combatido em muitas outras partes desde a 2ª Grande Guerra. Os "partisans" vermelhos conquistaram a CHINA, IUGOSLÁVIA, ALBÂNIA e VIETNAM DO NORTE para o comunismo. Nas montanhas da GRÉCIA, 28.000 guerrilheiros imobilizaram o Exército Grego. Com o auxílio britânico e americano, os gregos finalmente organizaram um exército de mais de 200.000 homens para derrotar os bandos de "partisans" dispersos. Em junho de 1950, três das oito divisões da República da COREIA estavam, fora da fronteira quando o Exército da COREIA DO NORTE a invadiu. Onde estavam elas? Bem ao sul, combatendo os guerrilheiros comunistas.

Em 1955, uma força de 35.000 homens da Comunidade Britânica esteve perseguindo uns 4.000 terroristas vermelhos nas florestas úmidas da MALAIA. Só no último ano, os guerrilheiros do VIET MINH se infiltraram pela fronteira do LAOS e quase se estabeleceram neste país antes que as Nações Unidas e os ESTADOS UNIDOS pudessem reagir.

A história é tão evidente como qualquer aviso que GEORGE WASHINGTON poderia ter dado a BRADDOCK. Os comunistas nunca combateram sem o emprêgo de uma modalidade de força de guerrilheiros. Assim, e como devemos estar preparados para esta emergência, qual a maneira de adstrar-nos para a luta contra os "partisans".

O primeiro passo no treinamento contra as ações de guerrilheiros consiste simplesmente em avisar o soldado da sua existência. Em 1941, os russos se deleitaram ao descobrirem que as tropas não tinham ciência da presença dos "partisans". Com o total desconhecimento, caminhavam para a morte, isolados ou aos pares, ao vaguearem curiosos pelo interior da RÚSSIA. Caminhões isolados rodaram pelas trilhas estreitas da floresta, e comboios tiveram mesmo a temeridade de deslocar-se na escuridão. Os camponeses russos movimentavam-se livremente ao longo das estradas e, mesmo, por entre os depósitos de suprimentos e bivaques alemães. Os soldados germânicos detinham raramente os velhos e, nunca, as velhas.

Só depois de vários meses de guerra a WEHRMACHT compreendeu realmente, após a leitura dos documentos de "partisans" capturados, que os russos estavam zombando deles e tirando tóda a vantagem de sua ingenuidade. Muito tardiamente, determinaram um programa de esclarecimento da tropa sôbre a ameaça de guerrilheiros, mas a ignorância inicial das tropas alemãs permitiu que os bandos de "partisans" completassem o processo crítico de formação sem interferência. Daí em diante, proporcionaram aos soldados germânicos alguns ensinamentos próprios acerca de informação da tropa. Dificilmente podemos pagar o preço cobrado por estas lições.

Depois de informar nossas tropas, o passo seguinte consiste em decidir quais os assuntos que compõem o treinamento contra ações de guerrilheiros. Ouçamos a respeito as vozes da experiência:

Um oficial da 6ª Divisão Aeroterrestre Britânica na PALESTINA rolou algumas necessidades:

1. Disciplina, liderança e vivacidade mental.
2. Aptidão física.

3. Instrução de armamento.
4. Métodos de investigação.
5. Conhecimento da população local.

Um antigo comandante de unidade de fuzileiros naval inglesa na MALAIA propôs estas:

1. Patrulhamento.
2. Sobrevivência.
3. Preparo físico.
4. Marcha e segurança de marcha.
5. Leitura de carta.
6. Comando de pequenas unidades.

As diretrizes do Exército Germânico, escritas no outono de 1942, após um ano de ação contra guerrilheiros, prescrevem estes assuntos:

1. Instrução de informação.
2. Patrulhamento.
3. Operações noturnas.
4. Sobrevivência.
5. Procedimento para com civis.

Tais assuntos não são certamente novos nem estranhos para nós. A maioria deles está incluída, com destaque variável, nos atuais programas de instrução individual ou de unidade. Pode-se perfeitamente concluir com alívio que todo o assunto foi tratado, e estamos quase certos. Salvo uma orientação inicial sobre ações de guerrilha, que vem a ser um tópico de informação da tropa excelente, nenhum assunto novo nem horas adicionais de treinamento são necessárias. Há, todavia, mais uma coisa a considerar: os soldados são seres humanos. Entre os muitos problemas que daí decorrem está a tendência de esquecer as coisas, particularmente aquelas que os seus chefes acham importantes. O Sr. pode falar sobre ações de guerrilha, mas se este assunto não for bem repisado não obterá sucesso.

*Não, não quer dizer...?*

Sim, a sua inclusão no treinamento. Se se quer homens preparados para enfrentar os guerrilheiros, devemos desde já introduzir em sua instrução as ações contra guerrilheiros. Ao planejar a instrução, deve-se dedicar alguns minutos ao estudo dos assuntos que se deseja ensinar sobre práticas contra guerrilheiros. Eis dois exemplos:

*Orientação:* O Exército Alemão, mesmo com seu ódio elevado, descobriu que os civis bem tratados não alimentavam nem apoiavam os "partisans" tão prontamente como o faziam quando tinham sido saqueados e maltratados. Os alemães viram que uma norma dura mais justa era a melhor, e informaram as tropas sobre esta maneira de lidar com os civis.

*Bivaches:* Quando os guerrilheiros estão ativos, todo bivaque no Teatro de Operações deve ser uma posição defensiva. Explicar a facilidade com que uma faca fura um saco de dormir. Acentuar a segurança local.

A integração da instrução não deve ser procurada ao longe ou ser estranha. Não há necessidade de aqui pormenorizar-se a modalidade de introduzir em cada assunto os ensinamentos do Exército. Na maioria das vezes, a prática antiguerrilha será evidente. Não se deve torcer ou deformar um assunto para obter um ângulo de integração. Há muitos outros que apresentam uma vinculação boa e lógica, não sendo necessário supor que toda matéria a possua.

Para familiarizar as tropas com o problema dos "partisans" devemos destacar a importância do exercício de campanha. É aí, onde se procura criar um ambiente de combate, que devemos, com toda eficiência, introduzir as ações contra guerrilheiros. É proveitoso, se o horário permite, realizar um exercício completo de perseguição aos guerrilheiros. Isso dará aos homens muito trabalho de patrulhamento e comando de pequenas unidades, além de uma estimativa verdadeira da sagacidade dos guerrilheiros.

É igualmente conveniente inserir situações com guerrilheiros em outros tipos de exercício de campanha, o que se pode fazer logicamente em todos os escalões. Um ataque de grupo a um bloqueio de estrada dos guerrilheiros inimigos pode realizar-se tão eficazmente como a um bloqueio de exército. Nos exercícios de Companhia e grupamento de combate a figuração de guerrilhas pode lembrar ao soldado a presença dos guerrilheiros sem distraí-los dos outros objetivos de instrução do exercício. Pode-se vestir de "blue jeans" dois homens do destacamento adversário e atribuir-lhes missões de guerrilheiros contra o posto de comandos, trens de campanha, postos avançados ou vias de suprimentos amigas. Não precisam realizar uma incursão completa ou capturar o trem de combate, mas apenas lembrar ao restante da unidade que os guerrilheiros estarão conosco na próxima guerra, se ou quando ela vier.

Há muitas medidas específicas que se podem tomar no combate aos guerrilheiros, porém só produzirão efeito se todos estiverem preparados para enfrentar a ameaça dos "partisans". Deve-se informar à tropa acerca dos guerrilheiros. A medida que se ensina cada assunto de um programa de instrução explica-se sua aplicação contra os guerrilheiros. É muito importante que se mostre aos homens, nos exercícios de campanha, um quadro exato das atividades dos "partisans" associadas a todas as outras formas de ação do inimigo.

Quando o General BRADDOCK jazia moribundo no meio dos destroços de sua unidade, disse em voz arquejante: "Quem haveria de pensar nisso? Devemos saber melhor a maneira de enfrentá-los em outra vez".

Para BRADDOCK e centenas de seus subordinados não houve outra oportunidade. Mas, para o Sr. e seus homens a ocasião é a presente. A força esquecida — "partisans" — nunca mais deve ser olvidada.

Livros publicados pela BIBLIOTECA MILITAR e que se relacionam com DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA :

- 1 — HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL (2 Volumes) — Cel Genserico de Vasconcellos.
- 2 — A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO — Gen Tasso Fragoso.
- 3 — CAMINHOS HISTÓRICOS DE INVASÃO — Ten-Cel Antonio de Souza Júnior.
- 4 — A REVOLUÇÃO FARROUPILHA — Gen Tasso Fragoso.
- 5 — LUTAS AO SUL DO BRASIL — Gen F. de Paula Cidade.
- 6 — NOÇÕES MILITARES FUNDAMENTAIS — Cel J. B. Magalhães.
- 7 — DO RECÔNCAVO AOS GUARARAPES — Maj Antonio de Souza Júnior.
- 8 — HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A T. ALIANÇA E O PARAGUAI — Gen Tasso Fragoso.
- 9 — COMPREENSÃO DA UNIDADE DO BRASIL — Cel J. B. Magalhães.
- 10 — EVOLUÇÃO MILITAR DO BRASIL — Cel J. B. Magalhães.
- 11 — OS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO — Gen Tasso Fragoso.
- 12 — REMINISCÊNCIAS DA CAMPANHA DO PARAGUAI — Dionísio Cerqueira.
- 13 — OS SERTÕES COMO HISTÓRIA MILITAR — Ten-Cel Umberto Peregrino.
- 14 — RICARDO FRANCO — Gen Silveira de Melo.
- 15 — ANTONIO JOÃO — Gen V. Benício da Silva.
- 16 — NOTAS DE GEOGRAFIA MILITAR SUL-AMERICANA — Cel F. Paula Cidade.
- 17 — CAXIAS E NOSSA DOCTRINA MILITAR — Maj Amerino Raposo Filho.
- 18 — A MANOBRA NA GUERRA — Maj Amerino Raposo Filho.



## II — A LONGA MARCHA DE MAO TSE TUNG (\*)

EDGAR SNOW

Tradução e Comentários de:

Cel. A. J. VON TROMPOSWKI

Maj. AMERINO RAPOSO FILHO

### NOTA DOS TRADUTORES

Os chineses comunistas estavam cercados e ameaçados de completo aniquilamento, quando decidem empreender a famosa "Longa Marcha" que representa, para eles o que foi o "Valley Forge" para os americanos durante a Guerra de Secessão. Do mesmo modo que tal fase distingue os americanos — os que dela participaram e aqueles que não viveram a famosa operação — assim aconteceu com a Longa Marcha, empreendida depois que os Vermelhos decidem reunir-se a outro núcleo comunista na SHEUZI e concentrado na CHINA do Norte. Tal marcha, da ordem de 12.000 Km, visava livrar os homens de MAO TSE TUNG da ação incessante dos Exércitos do Presidente CHIANG KAI SHEK, os quais vinham mutilando os rebeldes há mais de sete anos. As forças comunistas estavam na CHINA Meridional e somente uma audaciosa retirada de FUKIEN na direção de SHENZI poderia livrá-las da destruição. Para isso tornava-se mister contornar a CHINA, através do TIBET e do KANON, o que vai exigir um ano de lutas e sofrimentos de toda ordem, culminando finalmente no surgimento de um Estado Soviético numa região muito favorável à defesa contra o Governo de NANKIN e que possibilitava boa base de partida para a luta que se prenunciava contra o JAPÃO.

Assim é que, a 29 de novembro de 1934, depois de vencer tremendas dificuldades, no sentido de convencer seus homens da necessidade de abandonar o grande círculo de ninho de metralhadoras e de casamatas de concreto, partiu MAO com seus 100.000 homens na direção geral do Norte, seguindo o HUNAN, depois de romper o bloqueto das forças "brancas" e continuar o TCH OUNG-KING por W. Esse Exército, que enquadrava uma multidão de mulheres, velhos e crianças, foi tenazmente perseguido pelo inimigo em

(\*) Capítulo de um livro de operações de guerrilhas a ser oportunamente publicado.

tôda essa retirada estratégica, sendo diariamente bombardeado, a ponto de perder, na primeira fase do movimento, quase 1/3 do seu efetivo. Mas não deixou a "Longa Marcha" de se constituir num autêntico sucesso, do ponto de vista normal, principalmente, em que pèse terem os homens de abandonar a maior parte de sua bagagem, já que se fazia a marcha a pé, não só porque não havia transporte motorizado, como a maioria das estradas se mostrava inteiramente desfavorável ao tráfego de veículos automóveis.

Atravessaram-se as mais altas montanhas e os rios mais extensos da Ásia. Quando MAO pensava poder alcançar o YANGTZE, foi precedida por CHIANG, o que obrigou os vermelhos a marchar e a contramarchar para iludir o adversário e poder finalmente cerrar sobre o rio, para transpô-lo em seguida, com auxílio de uns barcos capturados. Venciam, pois, as tropas vermelhas, êsse primeiro obstáculo, pela manobra; tratava-se de prosseguir para o segundo grande obstáculo, que era o corte do TATU e é o relato dessa fase, inclusive a transposição do rio e a retomada do movimento na direção de SHENZI, que vai adiante relatada por EDGAR SNOW, numa reprodução do que ouviu do próprio MAO TSE TUNG e de elementos do seu Estado-Maior.

O balanço dessa marcha extraordinária, é realmente impressionante: dos 100.000 homens que partiram de KIANG-SI, combatendo na proporção de 1 para 300, apenas 20.000 sobreviveram. Em compensação, foi considerável o número de voluntários que se apresentaram durante o movimento. Durante o período em que se realizou a marcha, precisamente 368 dias, houve apenas 18 marchas noturnas, enquanto se fizeram 235 etapas diurnas, restando os dias em que o Exército fazia um grande alto, para descanso, muita vez transformado em lutas penosas. Em média, havia uma escaramuça por dia.

Andando pelas piores estradas; atravessando regiões das mais adversas do mundo, o Exército vermelho seguia em sua "Longa Marcha" a convicção de que "se alimenta a guerra pela guerra". E vamos ver, por outro lado, MAO, aplicar as idéias de NAPOLEAO, quando penetra na ITALIA e tem de enfrentar o drama do apoio logístico. "Nossos arsenais estão na frente" é que o Chefe vermelho diz a seu Exército quando se vê cercado como em CHANTONG o que lhe proporcionou a captura de 600.000 fuzis, 20.000 metralhadoras, artilharia, munição, caminhões, blindados, etc. . . .

E assim termina essa incrível odisséia, que dura quase que exatamente um ano e onde o Exército Vermelho atinge as imediações do deserto da MONGÓLIA (região de YENAN), depois de vencer 12.000 Km, o que dá uma etapa média de 38 Km por dia. Dezoito linhas de cristas foram transpostas, sendo cinco cobertas de neve, e 24 rios atravessados. Eis o que foi a "Longa Marcha",

que termina na região onde se organiza a 2ª República Comunista Chinesa, o que foi imortalizada nos seguintes versos, do próprio MAO, e que EDGAR SNOW traduziu e apresentamos a seguir:

“O Exército Vermelho, jamais temendo a audaciosa Longa  
 Marcha,  
 Vencia, sem receio, os numerosos píncaros e rios  
 A crista de WU LANG se elevava e se abaixava ondulante,  
 Enquanto se divisavam as estepes verdes e circundantes  
 do WU MENG.  
 As águas escaldantes do Rio de AREIA DOURADA ba-  
 tiam de encontro aos rochedos,  
 E as frias correntes de aço dos vãos da ponte do TATU.  
 Milhares de alegres “H” de neve refrescante se viam em  
 MIN SHAN,  
 E quando o último passo estava conquistado,  
 Três Exércitos sorriram.”

A travessia do rio TATU foi o incidente isolado mais sério que vemos durante a Longa Marcha; bastava uma falha do Exército Vermelho, e todos estaríamos aniquilados. A própria história aí está para comprovar os fatos: Pois, em tempos remotos, os heróis dos “Três Reinos” e muitos outros guerreiros foram derrotados nas margens desse rio. Mais recentemente, durante o século XIX, o último dos rebeldes Taipings com um Exército de 100.000 homens ao comando do Príncipe SHIN TA-K'AI, foi cercado e completamente destruído pelas forças mandchinas comandadas pelo famoso TSENG KUO-TAN, nessas mesmas margens.

Reportando-se à história, o Generalíssimo CHIANG enviou mensagem aos Chefes guerreiros LIU HSIANG e LIN WEN-MI, seus aliados em SZECHNAN, assim como a todos os guerreiros que comandavam tropas na perseguição ao governo, exortando-os a reproduzir os feitos dos Taipings, a fim de exterminar os vermelhos nas margens do TATU.

Todavia, também os vermelhos conheciam as lições da história e sabiam que a principal causa da derrota de SHIN TAK'AI, fora o atraso na travessia do rio — pois o Príncipe consumiu três longos dias para comemorar o nascimento de seu filho, o Príncipe imperial. Essas horas de descanso, deram tempo ao inimigo para se concentrar rapidamente nas proximidades do rio e, ainda, realizar marchas forçadas para cortar as linhas de retirada de SHIN. Quando o Príncipe percebeu a manobra adversária, já era tarde demais, embora tentando romper o cerco, foi completamente aniquilado no estreito desfiladeiro que conduz ao rio.

Empenharam-se, pois, os vermelhos para que tal não se reproduzisse, efetuando um rápido deslocamento para o Norte do “Rio da

Areia Dourada" (como o YANGTZE é ali conhecido) na direção de SZECHUAN, e cedo penetrariam no país das tribos guerreiras dos Lolos, Brancos e Pretos, da LOLOLÂNDIA independente. Essas tribos dos turbulentos Lolos, jamais foram conquistadas ou sofreram qualquer processo de absorção por parte dos chineses que habitavam em seu redor, e ocupavam há séculos os esporão montanhoso de SZECHUAN, coberto por densa floresta, cujos limites ao Sul são balizados pelo grande arco descrito pelo YANGTZE, precisamente a Este do TIBET. E era com essa grande perda de tempo, e o enfraquecimento decorrente, das forças vermelhas, que confiantemente contava CHIANG KAI-SHEK, o que lhe possibilitava a oportunidade de se concentrar ao Norte do TATU. Convém lembrar que era tradicional o ódio dos Lolos aos chineses e raramente um Exército chinês cruzava suas fronteiras, sem sofrer pesadas perdas ou ser aniquilado.

Sem embargo, os vermelhos tinham um método eficiente, que possibilitara, não apenas atravessar os distritos das tribos integrantes dos povos MIAO e SHAN e dos aborígenes de KWEICHOW e YUNNAN, mas conseguir sua amizade, culminando até no alistamento de muitos de seus homens nas fileiras do Exército. Desta feita, enviaram emissários, que precediam o Exército para parlamentar com os Lolos. Por outro lado, durante o movimento, conseguiram os vermelhos dominar várias cidades espalhadas na fronteira da LOLOLÂNDIA, onde encontraram muitos Chefes Lolos, mantidos pelos soldados chineses como reféns. Libertados e regressando às suas tribos, êsses Chefes exaltaram os vermelhos, como seria natural, quando mais não fôsse, por gratidão.

Integrando a vanguarda do Exército vermelho, vinha o Comandante LIU PEI-CH'ENG, que outrora fôra oficial do Exército de SZECHUAN e conhecia bem os homens da tribo, sua língua, assim como as brigas e descontentamentos internos. Inclusive, sabia do ódio que êles tinham pelos chineses. Tendo recebido a incumbência de negociar uma aliança com os Lolos, penetrou LIU no seu território e foi conferenciar com os principais Chefes. Foi assim que começou sua conversação, destacando que os Lolos são igualmente inimigos dos Chefes guerreiros LIU HSIANG e LIN WEN-MI e dos KUOMINTANG, o mesmo acontecendo, aliás, com os vermelhos. Se os Lolos pretendiam manter sua independência, a política dos vermelhos favorecia a autonomia de tôdas as minorias nacionais da CHINA. O ódio dos Lolos aos chineses se justificava, pois tinham sido por êles oprimidos; porém, era preciso notar que havia "chineses brancos" e "chineses vermelhos", da mesma maneira que os Lolos se dividiam em "brancos" e "pretos". E eram os "chineses brancos" que sempre mataram e oprimiram os Lolos. Por que, então, não se unirem os "chineses vermelhos" aos "Lolos pretos", numa ação conjunta contra o inimigo comum os "chineses brancos"?

Os Lolos ouviram atentamente a exposição feita, pedindo, em seguida e maliciosamente, armas e munições, a fim de poderem preservar sua independência e auxiliar os vermelhos na luta contra os brancos.

Para seu espanto, receberam o que foi pedido. E assim, foi possível atravessar a região, de modo rápido e seguro. Outrossim, centenas de Lolos se alistaram no Exército vermelho e marcharam em direção ao rio TATU para lutar contra o inimigo comum. Alguns desses Lolos prosseguiram para Noroeste. Para selar o pacto estabelecido, LIN PEI-CH'ENG bebeu o sangue duma galinha morta na hora, perante os Altos Chefes dos Lolos, que também beberam, jurando todos a comunhão do sangue nesse ritual das tribos e declarando os vermelhos que, aquêles que violassem os termos dessa aliança, seriam na realidade tão fracos e covardes como a galinha que fôra morta.

Em seguida aos entendimentos, prosseguiu o movimento do 1º Corpo do Exército, comandado por LIN PIAO, tendo a Divisão Vanguarda alcançado o TATU HO. Desta forma, estavam vencidas as florestas da LOLOLANDIA — em cuja densa vegetação se desorientaram inteiramente os pilotos do NANKING, os quais, ao contrário de aterrarem nas proximidades do forte CHO P'ING, desceram na cidade ribeirinha de AN JEN CH'ANG — e a Vanguarda, guiada pelos Lolos através os estreitos caminhos da montanha, chegava sem nenhum alarde a essa pequena cidade, contemplando das alturas a margem Sul do rio, vendo com alegria um dos três "ferryboats" aí atracado. Uma vez mais os bons fados favoreciam os vermelhos.

Como foi possível isso acontecer? Na realidade o que se passou foi o seguinte: havia naquele momento, do outro lado do rio, apenas um Regimento, pertencente às tropas do General LIN WIEN-HUI que secundava o ditador da Província de SZECHNAN. O restante das forças de SZECHNAN, assim como os reforços de NANKING, deslocavam-se lentamente, um segundo escalão, dirigindo-se para o TATU, sem nenhuma pressa de aí chegar, pois o Regimento representava um efetivo suficiente. Até mesmo uma força menor bastava, pois, além de tôdas as embarcações estarem ancoradas na margem Norte, sabia o Comandante do Regimento — nativo daquele distrito e conhecedor da região que seria atravessada pelos vermelhos — que o inimigo levaria muitos dias para alcançar o rio. Ademais, como sua mulher era nativa de AN JEN CH'ANG, o Comandante atravessou o rio para visitar seus parentes e amigos. E foi assim que puderam os vermelhos, dominando a cidade de surpresa, capturar o Comandante, seu barco, e poder, desta forma, assegurar a transposição para a margem Norte.

Dezesseis homens de cada uma das cinco Companhias se apresentaram como voluntários, para atravessar no primeiro barco e trazer os demais, enquanto na margem Sul os vermelhos instalavam metralhadoras nas encostas das elevações e espalhavam sobre o rio uma cortina de fogos, que se concentravam nas posições inimigas. Corria o mês de maio e as torrentes que desciam das montanhas, tornavam caudaloso o rio, mais correntoso e largo que o YANGTZE. Partindo de um ponto bem a montante, o "ferry" levou duas horas para atravessar o rio e atracar bem em frente à cidade de AN JEN CH'ANG, cujos habitantes obser-

vavam da margem Sul, inteiramente atônitos, na convicção de que aqueles homens seriam repelidos pelo Regimento, tão logo desembarcassem. Para maior surpresa, a tropa desembarcou nas proximidades dos canhões inimigos. Não restava dúvida, os vermelhos seriam destruídos. Todavia... espocaram as metralhadoras vermelhas instaladas na margem oposta... E os observadores viram a pequena força vencer apressadamente a praia, abrigoando-se em seguida, para escalar lentamente um íngreme rochedo que dominava as posições inimigas. Vencido o rochedo, instalam suas próprias metralhadoras leves na parte mais alta e começam a despejar uma torrente de chumbo e granadas de mão sobre as posições inimigas ao longo do rio.

Súbitamente, as tropas "brancas" cessaram o fogo, abandonaram seus redutos, fugindo para uma terceira linha de defesa. Foi quando um grande vozerio se fez ouvir na margem Sul, e gritos de "Hao!" chegaram até o pequeno grupo que tinha capturado o ancoradouro dos "ferries". Nesse meio tempo, o primeiro "ferry-boat" voltava rebocando os dois outros e, na segunda viagem, cada um transportava 80 homens, enquanto o inimigo fugia, sem nenhuma resistência. Durante todo o dia e noite, bem como nos dois dias seguintes, os três "ferries" de AN JEN CH'ANG trabalharam sem cessar, até que, finalmente, toda a Divisão foi transportada para a margem Norte.

Contudo, a correnteza aumentava cada vez mais, tornando-se a travessia muito difícil, a ponto de se consumirem 4 horas no terceiro dia, para rebocar um barco cheio de soldados. Nesse andar, seriam necessárias semanas inteiras para que todo o Exército fosse transportado, com seus animais e suprimentos, e certamente estariam todos cercados, antes de terminada a transposição do rio.

Quando o 1º Corpo de Exército já estava concentrado em AN JEN CH'ANG, com algumas colunas mais à retaguarda juntamente com os meios de transportes, eis que os aviões de CHANG KAI-SHEK descobrem o alvo e iniciam pesado bombardeio, ao mesmo tempo que tropas inimigas se aproximam da região vindas de Sudeste, enquanto outras ocorrem do Norte. Numa rápida conferência, presidida por LIN PIAO, examinou-se a situação, sendo tomada uma decisão, que logo foi posta em execução. A essa altura CHU TEH, MAO TSE-TUNG, CHOU EN-LAI e PENG TEH-HUAI já tinham alcançado o rio.

Aproximadamente a 400 "li" (medida itinerária chinesa que corresponde a 1 Km) a Oeste de AN JEN CH'ANG, onde as gargantas se erguem muito alto e o rio corre em leito estreito, profundo e a correnteza é muito forte, existe a famosa ponte LIN TING CHIAO, suspensa por fios de aço, ali construída por LIN. Essa ponte é o último ponto onde se pode atravessar o TATU a Este do TIBET e foi para essa passagem que se lançaram os infantes vermelhos, marchando por uma trilha que contornava as gargantas, obrigando às vezes a subidas de alguns milhares de pés, para cair em seguida ao nível da turbulenta corrente, exigindo a travessia de profundos lamaçais. Se fosse possível

urar a ponte de LIN TING CHIAO, todo o Exército poderia penetrar em SZECHUAN, porém, e se falhasse essa operação? Neste caso, restavam retroceder pela LOLOLÂNDIA, penetrar novamente no NNAN e lutar para abrir caminho para Oeste, através de LIKIANG, fronteira do TIBET, o que representava uma volta de mais de 100 milhas, onde poucos teriam chance de sobreviver.

Enquanto as forças principais se lançavam pela margem Sul na direção de Oeste, a Divisão vermelha que já estava na margem Norte, também fez o mesmo. Muita vez, as gargantas por onde passavam as colunas se aproximavam tanto, que os homens de um grupamento iam fazer-se ouvir pelos do outro. Outras vezes, o medo de que os perseguidores pudessem afastar para sempre as colunas fazia que os homens marchassem muito mais rapidamente, quando o caminho começava a gaguear, principalmente quando se deslocavam ao longo dos penhascos durante a noite, com suas 10.000 tochas acesas, projetando luzes luminosas sobre a superfície do rio. O movimento das vanguardas seguiu, dia e noite, com uma velocidade de marcha que era o dobro do normal, apenas fazendo alto para ligeiro descanso de 10 minutos ou para fazer as refeições, ocasião aproveitada pelos trabalhadores políticos, para uma palestra aos soldados, onde sistematicamente se ressaltava a importância desta ação e exortava-se cada um a empregar todas as energias para a vitória na dura prova que tinham de enfrentar. Não havia lugar para esmorecimento, nem desânimo, nem fadiga. A vitória significava a vida para todos; a derrota, morte certa.

No segundo dia de marcha, a vanguarda da coluna que ia pela margem Norte, atrasou-se em relação à da outra margem. As tropas de SZECHUAN tomaram posição ao longo da estrada e pouco depois, começaram a escaramuças, ao mesmo tempo em que a coluna que marchava pela margem Sul, acelerava o movimento. Por meio dos binóculos, perceberam os vermelhos que se tratava de reforços brancos, o novo contingente que se encontrava na margem oposta, dirigindo-se apressadamente para a ponte deixada por LIN. Essa corrida ao longo do rio, durou todo o dia, mas aos olhos da vanguarda vermelha tomava a dianteira dos demais soldados, enfiados e cansados, cada vez mais precisando de descanso e que não mostravam muito inclinados a morrer numa ponte.

Fazia já alguns séculos que essa ponte fora construída. Acompanhando o modelo das demais pontes lançadas sobre os profundos rios da CHINA Ocidental, apresentava 16 pesadas cadeias de aço estiradas sobre o rio, com um vão de aproximadamente 100 metros e tendo suas extremidades fixadas nas margens por meio de enormes pilares de pedra sustentando o piso. O piso era constituído de enormes tábuas, que se apoiavam sobre as cadeias. Qual não foi, porém, a surpresa dos vermelhos, quando perceberam que os pranchões tinham sido reunidos, restando apenas as extremidades inteiramente nuas e que se estendiam até o meio do rio! Ao mesmo tempo, o inimigo instalara um ninho de metralhadora na cabeceira Norte da ponte, desdobrando-se mais atrás uma Divisão de tropas.

"brancas". Como se vê, o inimigo poderia ter destruído a ponte, não o fazendo apenas por motivos de ordem sentimental, que levavam os habitantes de SZECHNAN a poupar as poucas pontes existentes, dado que sua reconstrução é difícil e seu preço elevado. Dizia-se, aliás, de LIN TIN, que "ela contribuiu para a saúde das 18 províncias". De qualquer modo, quem teria pensado que os vermelhos tinham coragem de tentar a travessia apenas passando por cima das correntes? Pois foi justamente o que aconteceu.

Não havia tempo a perder; a ponte deveria ser capturada, antes que acessem outros reforços do inimigo. Pedimos voluntários e, um a um, foram os soldados vermelhos se apresentando para arriscar suas vidas, sendo escolhidos 30 dos que se ofereceram. Com as granadas de mão e os "mauzers" amarrados às costas lançaram-se os soldados à travessia do rio, balançando-se nas correntes e procurando mover-se com auxílio das mãos. Enquanto as metralhadoras dos vermelhos atiravam nos redutos inimigos e fustigavam a cabeceira da ponte, análogamente procedia o adversário, que atirava com as metralhadoras e os fuzis nos soldados que atravessavam o rio em sua direção e pendurados nos cabos. O primeiro soldado foi atingido e caiu no rio; um segundo e um terceiro também tiveram o mesmo destino. Porém, à medida que atravessavam o rio, os destemidos soldados ficavam protegidos pelo piso da ponte, ficando livres das balas do adversário.

Jamais os homens de SZECHNAN tinham visto combatentes como esses, homens para os quais o serviço militar não representava unicamente um pote de arroz, mas jovens dispostos a morrer, para que sua causa fosse vitoriosa. Eram eles seres humanos, loucos ou deuses? se perguntavam, admirados, os homens superciosos de SZECHNAN. Seu moral ficou tão afetado, que muitas dúvidas devem ter-se apoderado de suas mentes, como: não se devia atirar para matar! melhor seria rezar silenciosamente para que os vermelhos atravessassem o rio sem ser atingidos pelas balas! E tudo devia ir assim, quando um soldado vermelho consegue arrastar-se sobre o piso da ponte, armar uma granada de mão e lançá-la com perfeita pontaria no reduto inimigo. Desesperados, ordenaram os oficiais fossem removidas as demais pranchas. Mas era tarde de mais, pois outros vermelhos apareciam diante do inimigo. Quando já havia sido lançada parafina nas pranchas e o fogo começava a lavar, cerca de 20 soldados vermelhos avançavam apolados nos joelhos e nas mãos lançando, uma após outras, as granadas que traziam no ninho de metralhadora inimigo.

Súbitamente, os demais soldados vermelhos que ficaram na margem Sul, gritavam alegremente: "Longa vida para o Exército Vermelho!"

"Longa vida para a revolução!"

"Longa vida para os 30 heróis de TATU Ho!"

E isto porque os brancos se retiraram, numa fuga desesperada, ao mesmo tempo que os vermelhos corriam nas pranchas para dominar o reduto, que aliás já estava abandonado pelos brancos. Apenas ficara a metralhadora. Outros vermelhos correram a apagar os pranchões. Pouco



tempo depois, a Divisão vermelha que atravessara o rio em AN JEN CH'ANG aparecia, atacando o inimigo pelo flanco, colocando-o em fuga. Mas, nem todos fugiram, pois aproximadamente 100 soldados brancos de SZECHUAN abandonaram seus rifles e vieram reunir-se a seus perseguidores. Dentro de uma a duas horas, todo o Exército pulava e cantava alegremente no vale do TATU. Enquanto isso, por cima de suas cabeças, voavam os aviões de CHIANG KAI-SHEK, sem nada poder fazer, o que provocava piadas e desafios da soldadesca... Todavia, lançaram algumas bombas quando os comunistas atravessavam a ponte, mas não conseguiram destruí-la.

Por sua destacada bravura, foram os heróis de AN JEN CH'ANG e LIN TING CHIAO condecorados com a Estrela de Ouro a mais alta distinção no Exército Vermelho da CHINA. Mais tarde, eu iria encontrar alguns deles em NINGHSIA, ficando admirado pela pouca idade apresentada, pois todos tinham menos de 25 anos.

Depois da travessia do TATU, investiram os vermelhos pela SZECHUAN Ocidental, cujo sistema de casamatas não tinha sido completado, sendo pois facilmente dominado. Contudo, ainda não terminara a aspreza das lutas, que restavam 3.200 Km de marcha através 7 grandes cristas entre as montanhas.

Prosseguindo em seu movimento ascencional ao Norte do rio TATU, os vermelhos subiram 4.800 metros na Grande Montanha Nevada e, de cima dessa crista onde o ar estava rarefeito, contemplaram o Ocidente um verdadeiro mar de picos nevados, o TIBET. Corria o mês de junho e a temperatura nas regiões baixas já era muito alta; contudo, quando as tropas atravessaram o TA HSUEH SHAN, muitos dos sulistas que estavam com pouco agasalho, de sangue fino e sem o hábito das grandes altitudes, aí encontraram a morte. Mais duro ainda de escalar, foi a terrível montanha PAO TUNG KANG, em cuja encosta eles tiveram de construir seu próprio caminho, ligando compridos bambús e deitando-os ao solo para servirem de piso, através uma série de profundos lamaçais.

"Neste pico — disse-me o Chefe MAO TSE TUNG — um Corpo de Exército perdeu dois terços de seus animais de transporte: centenas deles caíram para não levantar mais".

Mas a subida continuava, enfrentando a próxima cadeia, representada pelo CHUNG LAI; e outra massa de homens e animais perecia. Continuando a dolorosa caminhada, os vermelhos palmilharam a adorável montanha DREAN PEN e, depois dela, o BIG DRUM, sendo que esta última também cobra um tributo elevado em vidas. Finalmente, a 20 de julho de 1935, penetravam as tropas na rica área MAOERHAI, a NW de SZECHUAN, aí fazendo junção com o 4º Grupo de Exércitos, que se mantinha na parte soviética do SUNGPAN. Foi quando, pela primeira vez, tiveram um longo período de repouso, o que foi aproveitado para recompletar os efetivos e reorganizar as unidades.

A última fase da marcha foi iniciada, com aproximadamente 30.000 homens. Na verdade, iriam os vermelhos enfrentar a mais perigosa e excitante viagem, pois a rota escolhida, atravessava uma extensa região selva-

gem, habitada pelos homens independentes da tribo MANTZU e os nômades HSIFAN, um povo guerreiro do TIBET Oriental. Passando pelos territórios MANTZU e do TIBET, os vermelhos enfrentaram pela primeira vez uma população unida na luta contra eles, e seu sofrimento nessa fase da longa caminhada, excedeu a tudo que até então se vira. Tinham dinheiro, mas não podiam comprar comida, possuíam canhões, mas o inimigo era invisível. Enquanto marchavam através cerradas florestas e venciam 12 grandes rios, os homens das tribos se retiravam das vizinhanças do itinerário, deixando suas casas inteiramente vazias, tudo levando para os planaltos, sobretudo o gado. A região ficava sem nenhum recurso que pudesse beneficiar aos vermelhos.

Se os vermelhos se afastassem das estradas, poucas centenas de metros que fôsem, o risco era muito grande. Muitos soldados que saíam da estrada à procura de ovelha, nunca mais voltaram.

Já nas regiões montanhosas, os nativos se escondiam em densas moitas, emboscando os "invasores" em sua caminhada. Para isso, trepavam nas partes mais elevadas e, quando as colunas vermelhas se comprimiam nos "passos" profundos, estreitos e rochosos, onde muita vez somente 2 homens poderiam passar justapostos, os "Mantzu" faziam rolar grandes pedras, que esmagavam homens e animais. Ai não havia, evidentemente, oportunidade para MAO explicar a "política vermelha em relação às minorias nacionais", nem, mesmo, possibilidade para alianças amistosas. Além disso, a rainha "Mantzu" devotava tradicional e implacável ódio aos chineses de qualquer espécie, não fazendo distinção entre "brancos" e "vermelhos". Ameaçou, inclusive, assar vivo qualquer elemento que auxiliasse os invasores.

Impossibilitados de obter alimento, a menos que atacando para dele apossarem-se, os vermelhos tinham que fazer "a guerra" por um pouco de gado. . . Dai o dito "comprar uma ovelha, custa a vida de um homem". Todavia, os campos "Mantzu" possibilitavam a colheita do trigo verde tibetano, assim como vegetais, principalmente acelga e nabo, estes últimos de enorme tamanho e "de tais dimensões, que um só podia alimentar 15 homens", segundo afirmou o próprio MAO. E é assim que, à base desses escassos suprimentos, se preparam os vermelhos para vencer as grandes planícies campestres.

"Esta é nossa única dívida estrangeira — foi o que me disse MAO, gracejando — e algum dia pagaremos aos "Mantzu" e aos "Tibetanos" as provisões que deles tomamos".

Além das provisões, houve necessidade de os vermelhos capturarem alguns homens das tribos, para servir-lhes de guia durante a travessia do país. Mas, o que aconteceu foi que esses guias se fizeram amigos dos comunistas e com eles permaneceram, mesmo depois de vencida a fronteira "Mantzu".

Nas planícies, os vermelhos não encontraram nenhum povoado durante os primeiros dez dias. Caía uma chuva interminável sobre o pantanal, e só se podia atravessá-lo, por meio de pequenas trilhas, verda-

deiros labirintos conhecidos dos homens da região montanhosa, que guiavam os vermelhos nessa odisséia. Muitos homens e animais ai se perderam, a maioria afundando na grama traiçoeira e molhada, por baixo da qual aparecia o pântano perigoso e profundo.

A falta de madeira para fogo, os vermelhos se viram na contingência de comer o trigo verde e os vegetais crus. Nem mesmo árvores havia para protegê-los durante a noite, de modo que os homens ficavam inteiramente ao tempo, pois a maioria não dispunha de couraça. Aproveitavam-se as moitas e os homens se encostavam uns aos outros, o que proporcionava alguma proteção, sem dúvida. E mais uma vez o Exército vermelho sai triunfante, muito mais que as tropas brancas que os perseguiram, as quais perderam o contato com as forças de MAO e outro recurso não tinham, que retornar, com apenas uma fração do efetivo original.

Agora, o Exército vermelho atingia a fronteira Kansu. Várias batalhas ainda estavam por travar-se, não representando derrota decisiva, a perda de qualquer uma delas. Mobilizaram-se outras forças no Kansu Meridional em NANKINOS, em TUGPEI e em MOSLEM, com a finalidade de deter os vermelhos, porém as tropas de MAO conseguiram vencer todos êsses bloqueios, além de apreender muitas centenas de cavalos da tropa muçulmana, em cuja cavalaria o povo depositava muita confiança.

Com os pés em chagas, enfraquecidos e no limite da resistência humana, chegavam os vermelhos, finalmente, a SHENZI Setentrional, imediatamente ao Sul da Grande Muralha e, precisamente no dia 20 de outubro de 1935, um ano portanto depois de sua partida de KIANGSI, a Vanguarda do 1º Grupo de Exército fazia junção com os 25º, 26º e 27º Exércitos Vermelhos, que já tinham estabelecido uma base de operações das Forças Soviéticas em SHENSI, desde 1933.

Os homens de MAO estavam reduzidos a 20.000 sobreviventes e iam agora fazer uma pausa para verificar o significado de suas realizações

*Os conceitos emitidos nos artigos assinados em a SEÇÃO DE DOCTRINA MILITAR, são da exclusiva responsabilidade dos autores, não traduzindo, portanto, orientação da Diretoria da Revista.*

*Os originais publicados poderão ser transcritos, salvo quando sejam expressamente reservados os respectivos direitos. As transcrições deverão consignar a fonte e o autor.*

*A correspondência para SEÇÃO DE DOCTRINA MILITAR deverá ser endereçada a:*

*Maj Amerino Raposo Filho*

*"A Defesa Nacional"*

*Ministério da Guerra — Rio de Janeiro — Brasil.*

## DOCTRINA MILITAR NACIONAL

"O problema é diferente para cada país, dependendo de ser ele uma grande potência industrial, ter as novas armas e de quanto a política e a administração estão ligadas às necessidades das grandes massas. Tudo isso influencia a elaboração final de uma doutrina e o estabelecimento dos princípios a que o país e suas forças armadas obedecerão na guerra. Por esse motivo, as doutrinas oficiais e semi-oficiais e a reorganização dos exércitos dos diferentes países em geral revelam o verdadeiro aspecto da situação interna e externa."

General VIKTOR BUBANJ, ex-iugoslavo

## DOCTRINA E TÉCNICA

"O passo de sete léguas dado pela tecnologia possivelmente permitiu maior progresso nos últimos 15 anos do que nos 15 séculos anteriores. Esta constatação torna bem claro que o progresso científico e tecnológico, para criar novo equipamento, é mais fácil de conquistar, muitas vezes, do que o progresso doutrinário, isto é, o desenvolvimento de novas concepções e sua integração completa como componente do poder de combate. A causa é que a complexidade crescente da evolução doutrinária, com seus valores humanos e éticos, períodos de elaboração e opiniões divergentes, é normalmente terreno mais difícil de desbravar do que o dos problemas de laboratório ou de fábrica. O progresso doutrinário também é mais complexo do que o tecnológico porque o pensamento profissional militar não se pode limitar ao material, com exclusão de novas táticas e idéias mais ou menos independentes daquele — as ligadas à chefia, os problemas de moral, comunicações, psicologia e organização. A sobrevivência nacional impõe o aproveitamento da tecnologia no máximo grau possível.

Em consequência, o militar profissional deve continuamente procurar hoje trocar o manto da praxe e da suficiência por uma busca incessante de respostas realistas e práticas aos problemas de amanhã."

Gen Div LIONEL C. MCGARR, Cmt ECEME/EUA